



EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO CURSO DE PEDAGOGIA: implicações artísticas e estéticas para o ensino de Arte

Tereza Cristina Cavalcanti de Albuquerque

UFAL, tereza.albuquerque@arapiraca.ufal.br

Davyd Eduardo Roberto da Silva

UFAL, davyd.silva@arapiraca.ufal.br

Sthefany Dionizio Silva

UFAL, sthefany.silva@arapiraca.ufal.br

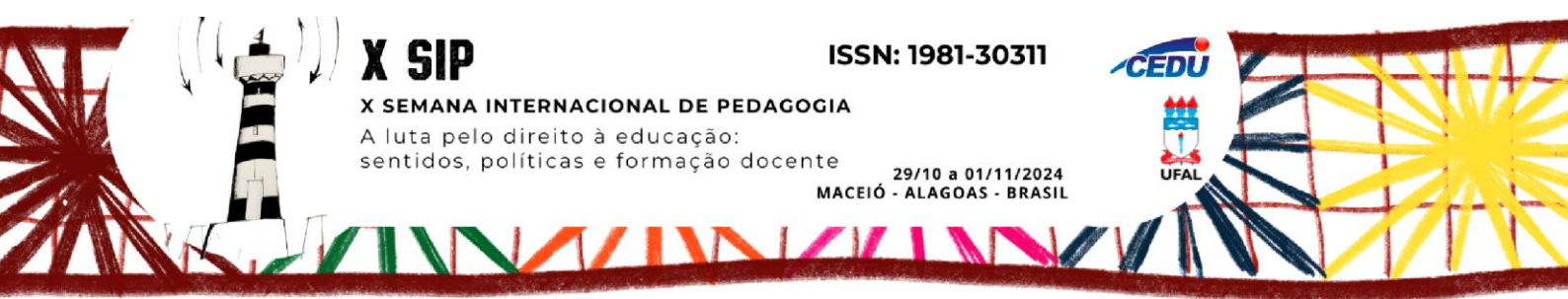
1 INTRODUÇÃO

A Arte é imprescindível. E todos podem aprender a ler, compreender e criar Arte. Nessa aprendizagem que é estética e artística, o papel do professor é fundamental como mediador das experiências que despertarão nas crianças um outro olhar sobre o mundo. Um olhar de contemplação reflexiva, que permita reconhecer o que antes não era percebido, para assim “não nos mantermos na percepção involuntária das coisas que nos cercam, pois essas percepções nos impedem de termos domínio do conhecimento” (Francez e Neitzel, 2019, p.26). Um olhar, portanto, intencional para a Arte, reconhecendo-a.

A mediação do/a professor/a de Arte, vai além do compartilhamento de dados sobre a obra e o artista. Como defende a pesquisadora Miriam Celeste Martins (2006), a mediação cultural “quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos. Obriga-nos, assim, a sair do papel de quem sabe, e viver a experiência de quem convive com a arte” (p.3). Ou seja, é importante que os/as professores/as vivam as experiências artísticas como, por exemplo, visita a exposições, museus de arte e ateliê de artistas, para que seus conhecimentos estéticos e culturais enriqueçam a mediação das experiências artísticas com as crianças a partir da partilha sensível. Momentos de troca em que as crianças e o professor possam ler, falar e ouvir de forma horizontal as suas percepções “a partir da relação que elas estabelecem com as obras” (Francez e Neitzel, 2019, p.27).

Neste sentido, na formação do/a pedagogo/a para o Ensino de Arte nos anos iniciais, os conhecimentos sobre Arte podem ultrapassar as páginas dos livros acadêmicos e estar presentes em experiências estéticas, artísticas e culturais em diálogo com os saberes sobre como atuar mediando essas experiências na escola. Assim como, poeticamente, a arte educadora Luciana Ostetto (2021) incita:

Para acolher o outro criador, é necessário ativar o criador em si. [...] É imprescindível, portanto, convidar aqueles em formação a irem lá onde estão artes e artistas, de modo a provocar movimentos para, quem sabe, deslocar o olhar, fecundar a imaginação, ampliar repertórios imagéticos, estéticos, culturais, políticos. (Ostetto, 2021, p.483).



Em conjunto com essas experiências de ampliação de conhecimentos sobre a Arte e sobre si em relação à Arte e em relação com o mundo, a Abordagem Triangular (Barbosa, 2022) poderá ser uma bússola (Machado, 2010) para o professor mediar as ações de leitura, contextualização e produção nas aulas de Arte.

A problemática central deste estudo parte do seguinte questionamento: Como os/as pedagogos/as podem transformar o Ensino de Arte ofertado nos anos iniciais se a sua formação inicial não abarca os elementos artísticos e estéticos necessários para atuar nesta área de conhecimentos?

Desde a década de 1980 que pesquisadores, professores e artistas brasileiros discutem sobre o Ensino de Arte nas escolas e a partir da sistematização da Abordagem Triangular realizada por Ana Mae Barbosa, as práticas escolares começam a se transformar. Essas transformações podem ser observadas na criação de cursos superiores de licenciatura em Artes Cênicas, Artes Visuais, Música e Dança; na obrigatoriedade da disciplina de Arte e suas modalidades no currículo da Educação Básica; assim como na instituição do livro didático de Arte. No entanto, na formação inicial do/a pedagogo/a, que ainda é o/a principal responsável pelo Ensino de Arte nos anos iniciais, ainda há muito a ser conquistado, desde a destinação de carga horária equivalente à destinada para o estudo das demais disciplinas escolares (Matemática, Língua Portuguesa, Ciências Naturais, etc) no curso de Pedagogia, até a implementação de estudos teóricos e práticos baseados em experiências estéticas e artísticas que ampliem o repertório cultural dos/as licenciandos/as.

2 OBJETIVO

A partir dos elementos discutidos anteriormente, o presente trabalho tem como objetivo analisar as narrativas de estudantes do curso de Pedagogia sobre visitas a exposições artísticas sob a ótica da Abordagem Triangular do Ensino de Arte.

3 METODOLOGIA

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa do tipo documental. A análise documental segundo Oliveira (2007) caracteriza-se pela análise de informações em documentos que ainda não receberam nenhuma reflexão científica, a exemplo podem ser citados: cartas, revistas, fotografias, diários entre outros materiais. As narrativas examinadas no presente estudo foram retiradas dos 'Cadernos de Artista', que a turma do 6º período do curso de Pedagogia da UFAL, *Campus Arapiraca*, utiliza para registrar suas reflexões sobre algumas atividades curriculares da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Arte 2.

Com 26 discentes participantes da disciplina, esses cadernos documentam suas experiências e reflexões ao longo do semestre letivo. O presente trabalho analisou o registro dos estudantes sobre a visita a duas exposições artísticas. A primeira visita foi à Galeria do SESC Arapiraca, onde foram imersos na Exposição Mané, composta por fotografias em diferentes tamanhos, legendas e vídeo sobre o



folgado de Mané do Rosário. Havia também uma instalação com chapéus de palha e seus véus, vestimenta típica dos brincantes do folgado. Durante a visita, após a leitura das obras, os estudantes foram convidados pela mediadora para uma visita guiada. Ao final, a mediadora (que é artista visual contratada pelo SESC para atuar na mediação desta exposição) propôs uma atividade de produção artística: sorteou pequenos pedaços de papel com os nomes dos objetos representados nas fotografias sobre o folgado (sino, chapéu, saias, véus, chicote, etc.) e solicitou a elaboração de uma representação desses objetos a partir de sua leitura e do uso de pastel a óleo. Cada estudante elaborou a sua representação a partir

A segunda visita foi ao Museu Zezito Guedes. Na oportunidade havia a exposição de pinturas Expo Britoniana, do artista visual arapiraquense Cícero Brito, que foi convidado pela docente da disciplina para mediar a visita. Além da leitura das obras da exposição, os estudantes também apreciaram o acervo do Museu, composto por objetos e obras relacionados ao artista e estudioso da cultura popular Zezito Guedes. Há também a exibição de vestimentas e painéis que contam a história da cidade e dos artistas da região. Após a leitura das obras, os estudantes foram convidados a conversar com o artista Cícero Brito, que apresentou seu percurso formativo como artista e explicou sobre o tema da exposição e a elaboração de algumas obras expostas. Os/as estudantes apresentaram perguntas sobre as obras e sobre técnicas de pintura.

A construção de dados foi iniciada com a leitura flutuante de todos os Cadernos de Artista, permitindo uma visão geral das observações e registros dos/as estudantes. A partir dessa leitura, foram selecionados cinco cadernos cujos registros ilustram as atividades do Ler, Fazer e Contextualizar propostos pela Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Os nomes dos/as estudantes, autores e autoras dos cinco cadernos selecionados são fictícios. A seleção desses cadernos visou captar uma diversidade de perspectivas e experiências dos/as estudantes. Por fim, foram destacadas nas narrativas dos/as cinco estudantes, as suas percepções sobre como estas atividades colaboram para a sua formação atual e para sua atuação futura como professor/a de Arte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Abordagem Triangular oferece uma estrutura coesa que equilibra a prática artística, a análise teórica e o entendimento cultural. Essa abordagem não só prepara os pedagogos para um ensino de arte mais significativo, como também os capacita a criar ambientes de aprendizagem que valorizem e integrem a diversidade cultural e criem identidades.

Sobre o eixo da Leitura se concentra nas percepções e interpretações das obras de arte pelo público, a partir de seu repertório estético. Foram destacados alguns trechos dos registros dos estudantes, em que a prática do Ler uma obra foi vivenciada. No quadro 1 abaixo são apresentados esses trechos:



Quadro 1: Trechos Retirados dos Cadernos de Artista referentes ao Ler obras de arte

| Eixo da Leitura |
|--|
| <i>Esse trabalho me fez recordar dos momentos em que eu passava na roça ... as oportunidades de mergulhar em outras culturas e por alguns minutos representá-las de certa forma. (Sabrina)</i> |
| <i>Analisando com meus colegas e falando nosso ponto de vista sobre cada obra ali exposta também foi um momento de aprendizado por meio das trocas de conhecimentos e interpretações de cada um. (Gustavo)</i> |
| <i>Também tinha uns chapéus com véus pendurados, uma imagem tipo colagem no início, em que tinha uma igreja que me fazia lembrar de Penedo. (Juliana)</i> |

Observa-se nas narrativas destacadas acima, que tanto as memórias dos lugares que conheceram, como a troca de conhecimentos entre os pares foram investidos no momento de Leitura das obras artísticas. Criando assim uma experiência estética assentada na relação estabelecida com a obra, como defendem Francez e Neitzel (2019). Ou seja, ler tem o sentido de se reconhecer nas obras de Arte em diálogo com o outro e com a obra.

O eixo da Contextualização cultural refere-se à compreensão da arte dentro dos seus contextos históricos, sociais e culturais específicos. Essa dimensão é fundamental para perceber como a arte reflete e influencia as culturas e sociedades nas quais está inserida. De acordo com a arte-educadora Ana Mae Barbosa (2022, p.6): “a contextualização é fundamentalmente decolonizadora pois trata de levar a ver além do objeto e da imagem suas conexões com a cultura na qual foi produzida pelo olhar de leitores diferentes, em diferentes tempos”. Os registros nos Cadernos de Artista (quadro 3) se referem aos conhecimentos que foram construídos nos momentos de contextualização em cada uma das exposições. Na exposição Mané a contextualização foi realizada através do texto de apresentação da exposição, das legendas das fotografias, da visita guiada da mediadora e de um vídeo. Na exposição Britoniana a contextualização foi realizada pelo próprio artista, que apresentou cada uma das obras.

Quadro 2: Trechos Retirados dos Cadernos de Artista referentes ao Contextualizar obras

| Eixo da Contextualização |
|---|
| <i>O que mais me impressiona é a maneira como Mané do Rosário preserva a memória e a identidade da comunidade de Poxim. A simplicidade e o mistério dos trajes, os movimentos livres e o ambiente de celebração que fazem do folguedo uma expressão autêntica da religiosidade local. (Davi).</i> |
| <i>O que mais me chamou atenção foi uma pintura em específico ... ela era composta por uma leitura da cultura de fumo de Arapiraca. (Sabrina).</i> |

Os relatos acima refletem as conexões que os/as estudantes construíram entre os conhecimentos compartilhados durante os momentos de contextualização e seus repertórios. É, portanto, Leitura e Contextualização ao mesmo tempo (Barbosa, 2022), porque nossos saberes não são fragmentados. Quando o estudante Davi destaca a manifestação cultural como preservação da memória e da identidade da comunidade, ele demonstra a importância das visitas a exposições artísticas por possibilitar esses momentos de contextualização nos quais “rompemos as limitações individuais e refletimos acerca do mundo que nos cerca, do mundo que nos querem impor, do mundo imaginário e do mundo que queremos construir” como defende Ana Mae Barbosa (2022, p.9).

Por fim, o eixo do Fazer, de acordo com a Abordagem Triangular envolve a prática artística, a reflexão e a experimentação com diferentes materiais e em



diferentes formatos poéticos. A maioria dos/as estudantes relataram a atividade proposta ao final da visita à exposição Mané, em que houve uma clara intenção de produção artística, como pode ser observado no quadro 3 abaixo:

Quadro 3: Trechos Retirados dos Cadernos de Artista referentes ao Fazer obras

| Eixo da Produção |
|--|
| <i>Ao terminar as explicações, fomos desafiados a expressar os nossos pensamentos sobre o folgado pintando algo que viesse de toda a cultura de Poxim. (Davi)</i> |
| <i>No museu, tal visita não me permitiu produzir nada no local. Mas, me permitiu vivenciar essa experiência e agora escrever. (Juliana)</i> |
| <i>A parte a qual gostaria de destacar foi o momento de produzirmos, na qual tive muita dificuldade quando peguei meu tema. Tinha que fazer a pintura de uma flauta, quando pensei que tinha finalizado a professora e a mediadora vieram me dar dicas de como aperfeiçoar minha arte. (Gustavo)</i> |

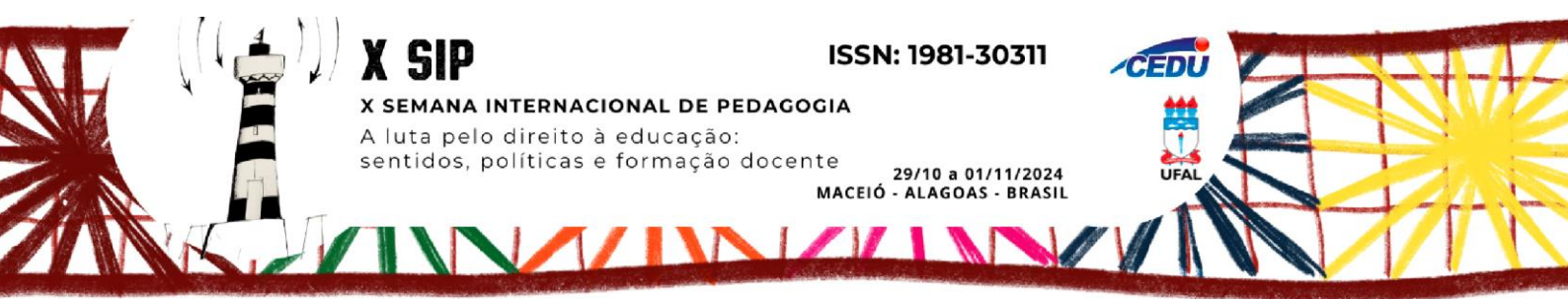
No quadro acima, o registro da estudante Juliana chama atenção ao considerar que escrever suas percepções no Caderno do Artista também se configura como um Fazer. Essa reflexão vai ao encontro do que defende a autora Regina Machado (2010, p. 65): “o eixo da Produção envolve ações de configuração (toda vez que alguém produz uma forma) ou seja: [...] refere-se à produção de pensamentos sobre arte, por exemplo, quando alguém escreve um texto dando forma a ideias”. Para a autora, os três eixos envolvem ações de reflexões aliadas às práticas.

Ao final das narrativas nos Cadernos de Artista os/as estudantes apresentaram suas reflexões sobre a importância das visitas a exposições artísticas durante a sua formação inicial como pedagogos/as. No quadro 4 são apresentados esses relatos:

Quadro 4: Trechos do Caderno de Artista sobre a importância das visitas a exposições artísticas

| Formação para atuação como professor de Arte |
|--|
| <i>As visitas ampliaram meu conhecimento cultural e artístico, me possibilitando desenvolver uma educação e ensino de Arte mais plural. E, conseqüentemente, passar todo esse aprendizado para os meus futuros educandos. (Juliana).</i> |
| <i>Sou uma futura pedagoga e preciso me aproximar dessas técnicas para proporcionar experiências semelhantes aos meus alunos. (Sabrina).</i> |
| <i>Essas exposições podem se relacionar com o que sabemos, acreditamos, lutamos e queremos passar para os nossos futuros alunos. Quebrando o ciclo da ignorância e fazendo conhecidas novas e antigas culturas e expressões artísticas. (Davi).</i> |
| <i>Pretendo desmistificar o ensino de arte que me foi transmitido com meus alunos e tentar não fazer da arte apenas um momento de lazer, de descanso ou de recreação. Mas sim, ser vista como um campo de conhecimento respeitado e necessário ao desenvolvimento cultural. (Eva).</i> |
| <i>Quando me formar irei passar um pouco das experiências obtidas através dos debates em sala e das visitas feitas para quando meus alunos chegarem na universidade falarem que tiveram um bom professor de arte. (Gustavo).</i> |

No quadro acima é possível perceber o impacto das atividades de visita a exposições artísticas para o reconhecimento de que “só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem em Arte” (Barbosa, 2012, p.18). Para mudar a forma como o Ensino de Arte é praticado nas escolas, é preciso investir em uma formação inicial de professores que compreenda a Arte como imprescindível na constituição da identidade dos indivíduos, dos grupos sociais e da Cultura de um país.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas de estudantes do curso de Pedagogia sobre visitas a exposições artísticas sob a ótica da Abordagem Triangular do Ensino de Arte evidenciou que é possível implementar as ações do Ler, Contextualizar e Fazer durante estas visitas. Cada um desses três eixos colaborou para expansão dos conhecimentos artísticos e estéticos: o Ler foi percebido nos momentos de interação dos/as estudantes criando conexões entre as obras e suas experiências de vida; o Contextualizar foi percebido pela exposição dos conhecimentos adquiridos a partir das mediações ocorridas nas visitas; e o Fazer foi compreendido como a produção de uma nova obra, a partir dos saberes compartilhados sobre as exposições mas também sobre novas técnicas de representação para sintetizar a experiência vivenciada.

As reflexões posteriores sobre as visitas (registradas no Caderno de Artista) também se configuram como possibilidade de formação para os/as estudantes, e seus relatos demonstram a importância de vivenciar a Arte, para ser um/a bom/boa professor/a de Arte e continuar transformando o Ensino de Arte para as crianças. Como ensinar Arte se não vivenciar a Arte? Experiências formativas através de visitas a exposições artísticas são essenciais na formação do pedagogo e da pedagoga.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 9, 2022. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>
- FRANCEZ, Letícia; NEITZEL, Adair de Aguiar. Mediaciones de lectura visual en la educación básica: enfoque a las narraciones de los niños. **Revista Iberoamericana de Educación**, [S. l.], v. 79, n. 2, p. 25–41, 2019.
- MACHADO, Regina. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. In: BARBOSA, A.M.; CUNHA, F.P. da. **A abordagem Triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – **Revista do Departamento de Educação/UNISC** - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- OSTETTO, Luciana E. Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2021.